

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO**
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Raissa Alonso Capasso da Silva

**PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E TEATRO: novos
olhares a partir da prática do trabalho com grupos**

SÃO PAULO

2012

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO**
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Raissa Alonso Capasso da Silva

**PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E TEATRO: novos
olhares a partir da prática do trabalho com grupos**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de
Ciências Humanas e da Saúde
como exigência parcial para
graduação no curso de
Psicologia, pela Pontifícia
Universidade Católica de São
Paulo, sob a orientação do Prof.
Mestre João Pedro Benzaquen
Perosa.

SÃO PAULO

2012

*Dedico este trabalho à minha mãe e companheira, Heloisa
Helena Alonso Capasso da Silva, pesquisadora e
psicóloga, comprometida, responsável com o ser
humano e que dedica sua vida à profissão de mudar
o mundo!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao João Pedro Benzaquen Perosa pela orientação e disponibilidade e à Fabíola Freire, por incentivar e fortalecer a concretização deste trabalho.

Aos meus professores Suzi de Oliveira Piza - pela luta e liberdade, Ricardo Monezi - pela esperança e crença no ser humano e Marcelo Sodelli - pelas perguntas. A todos esses, por ajudarem a manter vivo os sonhadores.

Aos meus familiares, amigos, meu amor e irmãos, por serem as borboletas que dão o sentido.

À Gabi e a Bru, pela arte de existir.

Aos meus padrinhos, Tia Uda e Gibão, iluminados de vida, pela presença e cuidado incondicional.

Ao meu pai, Delvo Ferraz da Silva, cuja transcendência e o livre pensamento ultrapassam seu tempo, atravessam barreiras inimagináveis.

*A noite cai sobre o mundo. Que fazer?
Silenciar? Sinto sincero respeito por todos aqueles artistas
que dedicam suas vidas à sua arte – é seu direito ou condição.
Mas prefiro aqueles que dedicam sua arte à vida.*

(BOAL, 2009.)

RESUMO

A psicologia ganhou reconhecimento na sociedade, por isso recebe atualmente, uma grande demanda de pessoas pelos seus serviços e devido a isso, busca ampliar não só sua atuação, como se adaptar a necessidade de alguns locais de trabalho, nos quais não há a possibilidade de manter o clássico atendimento clínico individual, então, utilizando o atendimento terapêutico grupal. O tema é de grande relevância, visto que em psicologia fenomenológica são escassas as pesquisas relacionadas ao trabalho com grupo. O objetivo deste estudo foi desvelar as percepções de um profissional do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da experiência prática desse profissional contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse trabalho. Para tal, realizou-se uma breve introdução sobre teatro e o processo grupal, descrição de teorias psicológicas sobre grupo e buscou-se realizar uma aproximação dos dados da entrevista com a Fenomenologia-Existencial de Martin Heidegger, base para a Daseinsanalyse na psicologia. A partir da análise e discussão, foi possível compreender a importância do trabalho grupal para o teatro e propor relações com a fenomenologia, partindo da reflexão sobre o ser-com e ser-no-mundo.

Palavras-chave : arte, fenomenologia, grupo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TEATRO E A CRIAÇÃO COLETIVA	10
2 ALGUNS FUNDAMENTOS DA TEORIA PSICOLÓGICA NO TRABALHO	
COM GRUPO	13
3 MÉTODO	16
3.1 Participantes.....	17
3.2 Instrumento.....	17
3.3 Procedimento.....	17
4 ANÁLISE	20
4.1 Núcleos de sentido.....	20
4.2 Síntese dos focos de análise.....	30
4.3 Compreensão da entrevista	34
5 DISCUSSÃO DOS DADOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre as possíveis interfaces entre psicologia e teatro vem desde o início da graduação. Durante toda minha vida estudei e trabalhei com teatro e após iniciar minha formação técnica, visualizei um estudo na universidade que pudesse compor e ampliar meus conhecimentos para aplicá-los nessa área. Escolhi um curso do campo das “Ciências Humanas”, a psicologia, por considerar que a intervenção do psicólogo é transformadora e sensível ampliando a minha reflexão sobre a produção artística, principalmente, do teatro. Buscarei a partir da abordagem da fenomenologia psicológica, compreender o aspecto muito presente e estruturante do universo teatral que é: o grupo.

O objetivo deste estudo é desvelar a percepção do profissional do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da experiência prática desse profissional contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse trabalho.

A idéia de relacionar a prática teatral à perspectiva psicológica e terapêutica já ocorreu em diversos momentos na literatura. Segundo Rocha e Kastrup (2008), várias tentativas de aproximação da psicologia com o teatro foram realizadas. Podemos dizer de forma sucinta, por exemplo, que Moreno¹ caminhou no sentido de “teatralização da psicologia, como é observado para fins terapêuticos” com o objetivo de exteriorizar recursos psíquicos para serem elaborados (p. 97). Segundo Oliver apud Rocha e Kastrup (2008), podemos também citar a arteterapia², que tem como finalidade utilizar o teatro como forma de alcançar o processo criativo e fortalecer a autoestima, sem ter uma finalidade estética.

¹Jacob Levy Moreno (1892-1974), médico romeno, desenvolveu uma psicoterapia de grupo baseada na investigação psicológica e sociológica. Criador do Psicodrama e do Sociodrama expandiu sua teoria pela Europa, Ásia e América.

²Registrada pela primeira vez pelo médico alemão Johann Christian Reil (século XIX), aplicada e difundida posteriormente por Carl Gustav Jung, no século XX.

Santiago e Neves (2008), sugerem hipóteses a partir das experiências prévias que as mesmas tinham com teatro, questionando sua eficácia em determinados aspectos, tais como: o caráter estimulativo das funções cognitivas, um espaço equivalente ao setting terapêutico onde poderá ocorrer transferência, associações, catarse e a capacidade de promover efeitos em crianças com dificuldade escola.

Segundo Fernandes (2006) existe hoje uma grande demanda do serviço profissional do psicólogo, principalmente no serviço público, o que coloca o acompanhamento terapêutico grupal como uma possibilidade.

A maior necessidade do atendimento psicológico em grupo ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, em que houve uma mudança significativa na demanda para questões emocionais e a procura por profissionais que trabalhassem com assistência psicológica, porém o número de profissionais também encontrava-se reduzido em relação a necessidade social. O recurso terapêutico grupal, até então utilizado somente em hospitais psiquiátricos, ambulatórios e clínicas de recuperação para drogados, tornou-se acessível à população em geral. (BECHELL e SANTOS, 2004).

A psicologia ganhou reconhecimento na sociedade, por isso recebe atualmente, uma grande demanda de pessoas pelos seus serviços e devido a isso, busca ampliar não só sua atuação, como se adaptar a necessidade de alguns locais de trabalho, nos quais não há a possibilidade de manter o clássico atendimento clínico individual.

Recentemente, surgiu uma formação profissional que visa a pesquisa e atuação do psicólogo com grupos, na abordagem da psicologia fenomenológica. O Centro de Formação e Coordenação de Grupos em Fenomenologia, intitulado Fenô e Grupos, demonstra a necessidade em estudar grupos e psicologia.

Este estudo visa contribuir com o tema de grande relevância, visto que em psicologia fenomenológica são escassos os trabalhos científicos relacionados ao trabalho com grupos.

O TEATRO E A CRIAÇÃO COLETIVA

“Arte é forma de conhecer, e é conhecimento,
subjetivo, sensorial, não científico”
(BOAL, p.111, 2009).

Para refletirmos e ampliarmos a discussão sobre o trabalho com grupos, buscamos a relação grupal presente na arte teatral.

A arte é uma área de saber não científica, de origem desconhecida e primitiva. Dentre as artes, focamos a teatral a fim de investigar o processo grupal.

Para Courtney (1974), a história do teatro é a história da raça humana e se fez presente a partir do momento que o ser humano necessitou expressar-se para outros e esses quiseram escutá-lo. Ele afirma que o teatro é a mais velha de todas as artes e acrescenta que “o teatro na comunidade primitiva tem função sociológica, psicológica e religiosa (mágica). (...) o homem como caçador tem uma necessidade específica do teatro”(p. 159), e isto quer dizer que tinham função importante para essa forma de organização social.

“Para o homem primitivo, (o teatro) era uma tentativa de comunicação com um deus, ou espírito, parte indissolúvel de vida comunal”(Courtney, 1974, p.159).

Diz a tradição oral que todos os rituais, comemorações e organizações (de trabalho, de cuidados, funerária) tribais e comunais, já apresentavam em sua base o que chamamos hoje de teatro, porém as diversas formas de arte não eram segregadas como conhecemos.

Se pensarmos na Grécia (por exemplo, Atenas século V a.C), berço da civilização ocidental, é possível observar com clareza como se dava a organização teatral, devido ao número de registros escritos. Mais ou menos dois mil e quinhentos anos após as encenações, chamadas pelos estudiosos

“Teatro de Dionísio” , ainda assim podemos imaginar com detalhes as montagens teatrais, estética de encenação e recepção da platéia. Porém o teatro é muito anterior a esse momento, sendo que o teatro Grego já era uma proposta de contraposição à forma teatral anterior a sua, desta forma podemos imaginar a dimensão dessa arte.

Sendo assim, o teatro, desde sua origem, era uma expressão de um coletivo, realizada e produzida coletivamente, em grupo. O conhecimento necessário para que esse trabalho de expressão grupal ocorra, caminha junto com essa arte, e vem sendo lapidada juntamente a sua origem.

“Na arte coletiva ou existe orquestração maior que a soma das partes ou não acontece à obra e se perde o jogo. Não serão os melhores jogadores que farão a melhor seleção, nem os melhores músicos a melhor orquestra, se lhes faltar à unidade, a estrutura que os unifique. Uma orquestra de cem professores deve ser uma orquestra... e não cem professores” (BOAL, 2009, p. 107).

O teatro é uma arte de grupo, essa é sua peculiaridade básica, sendo que é só a partir desse encontro árduo e complexo, como os encontros humanos são, que há a possibilidade da criação. Agrupar-se é diferente de se tornar um grupo. Tornar-se ou não um grupo, não é algo natural, mesmo que tornar-se grupo seja imediato para algum grupo, ele só se faz após o primeiro encontro, porque interdepende do afeto que será construído entre os envolvidos, a incluir o diretor/orientador.

No teatro, é considerado a importância da orquestração maior do grupo para o desenvolvimento dos processos criativos. As técnicas para que se caminhe na direção de buscar um trabalho grupal coeso, são estudadas por diversos autores, como Boal e Spolin, e são conhecidas como jogos teatrais.

Devido a isso, a fim de lapidar as relações humanas necessárias a arte, os jogos teatrais, são tidos como o conjunto de técnicas grupais, trabalhados antes da dramatização (apresentação) em si.

“Na China por volta do ano 3-2000 a. C., tribos seminômades começam a se estabelecer nos vales de Yangtsé-Kiang e Hoang-ho e, a partir da mimese e de jogos dramáticos originais, começam a se desenvolver elementos mais formais” (COURTNEY, 1974, p. 185).

Como afirma Courtney (1974, p.185), tem-se conhecimento de exemplos de jogos teatrais na “sociedade Inca, Sião, Rússia Oriental, Togo, Nova Guiné, Índia, Camboja”, tribos esquimós demonstrando assim o caráter arcaico deles.

Apesar de estar presente em diversas sociedades desde muito tempo, é difícil caracterizar ou definir o que é jogo teatral.

Autores que utilizam o jogo teatral em trabalhos e pesquisas não o delimitaram ou definiram. Porém, sua função está sempre associada a lapidar a relação do grupo, da vida comunal, a fim de estabelecer vínculos, desenvolver a unidade e o contato, mesmo quando os jogos são individuais. Portanto, os jogos teatrais definem todos os exercícios realizados hoje em dia por pessoas do teatro, com a finalidade de desenvolver sensibilidades necessárias à criatividade (inclusive na vida cotidiana).

Os jogos teatrais têm como objetivo, a ampliação das relações do participante, do grupo consigo mesmo, com o mundo, com os objetos, com os pensamentos, com as ações e, principalmente, com as outras pessoas.

Porém, este instrumento inicialmente utilizado no teatro, pode ser estendido a outras esferas do trabalho com grupos, se considerarmos que a arte deve ser dedicada á vida, e se compreendermos que o ser humano esta criando a todo o momento.

“Para reconquistar o artista que somos, temos que sentir tudo que toca o nosso corpo; escutar os sons que ouvimos, sons da memória e da imaginação. Temos que reaprender a ver as coisas no espaço, o espaço da coisa e o espaço do espaço feito pela coisa” (BOAL, p.94, 2009).

Nesse sentido, Boal (2009, p.94) nos amplia o olhar para o que é o artista, quando ele defende que os jogos teatrais devem ser utilizados para atores e não-atores, assim como o teatro. Quando ele fala de recuperar o artista que somos, nos dá a sensação de que éramos artistas, não somos mais e precisamos reconquistar isso. Esta visão primeiramente deselitiza o artista, o tira do papel do intocado, de poder inacessível e natural, ligado muitas vezes ao “Dom”. Ao contrário disso, ele acrescenta que o caráter imprevisível e inédito da vida nos obriga a criar a todo tempo, sem um manual de instrução, todos nós somos artistas da própria vida.

2 ALGUNS FUNDAMENTOS DA TEORIA PSICOLÓGICA NO TRABALHO COM GRUPO

Neste momento do trabalho busca-se apresentar uma atmosfera, um breve panorama de algumas formas de trabalho com grupo, por considerar a amplitude deste campo de atuação e pesquisa, não sendo possível contemplar a abrangência do tema no Trabalho de Conclusão de Curso. Os autores escolhidos para a realização dessa articulação, são os que fundamentaram as discussões da disciplina “O trabalho de grupo em instituições de Saúde”, realizado no 1º semestre de 2011, que focou a orientação sobre este tipo de trabalho para os estágios do 4º ano de Psicologia da PUC SP.

Devido a grande diversidade de abordagens psicológicas, seus autores e visões, foram selecionados, após a pesquisa de campo, aspectos observados na fala do entrevistado e que encontram em paralelo, presença nas teorias psicológicas. São eles: definição de grupo e elementos básicos, a estrutura, a finalidade, a relação do grupo e a postura do coordenador.

Para definir grupo, Zimerman³ (2000, p. 83) afirma que diversas condições básicas são determinantes, entre elas que “um grupo não é um mero somatório de indivíduos, pelo contrário, se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos” e que “todos os integrantes de um grupo estão reunidos em torno de uma tarefa e de um objetivo comum.” Acrescenta-se que o autor sugere que é inevitável a formação de um campo grupal, no qual estão fantasias, ansiedades, identificações e papéis, além de duas forças contraditórias sendo elas, coesão e desintegração.

Segundo Osório (2003, p. 72), existem elementos intrínsecos de qualquer agrupamento humano, destacando-se três deles: a tendência à institucionalização dos grupos, por meio de regras e normas que restrinjam

³ David Zimerman é pioneiro na pesquisa da psicoterapia de grupo no Brasil, sendo referência na difusão dos recursos das dinâmicas de grupo. É médico psicanalista e vive em Porto Alegre.

aspectos individuais; a partir do processo de institucionalização, ocorre o afastamento progressivo dos objetivos originais desse grupo; o objetivo imanente do grupo é a conquista ou manutenção do “estados de poder” para seus membros e principalmente seus dirigentes.

Em relação à estrutura, Fernandes (2006) cita que os grupos podem ser abertos ou fechados, homogêneos ou heterogêneos. Para Maldonado (1982), o que determina se um grupo é aberto ou fechado é a duração e a permanência dos membros no grupo. No fechado, a duração é determinada, tem início e fim e os participantes se mantêm durante todo o processo. Já no grupo aberto, a data de término não é determinada e a permanência dos participantes do grupo é variável. Um grupo homogêneo, é composto por pessoas que apresentam alguma característica em comum (idade, patologia, gestação), e o heterogêneo não tem essa finalidade à priori.

Considerando a finalidade, Zimmerman (1997) divide entre grupos psicoterapêuticos e grupos operativos.

Segundo Fernandes (2006), o conceito de grupo operativo é desenvolvido por Pichon Rivière⁴ e se caracteriza por sua finalidade ser o cumprimento de uma tarefa. A tarefa é dividida entre tarefa interna e externa, sendo que a tarefa interna é a parte individual de cada um, necessária para o funcionamento da tarefa externa, que diz respeito ao grupo todo.

Os grupos psicoterápicos, por sua vez, tem como finalidade para Zimmerman (1997), a aquisição de insights individuais e grupais de aspectos inconscientes.

Sobre a relação do grupo e a postura do coordenador, existe uma grande variação de visões sobre como esta deve acontecer, a depender dos pressupostos teóricos que embasam a compreensão de indivíduo e mundo.

⁴ Pichon Rivière (1907-1977) foi um psicanalista argentino e utiliza conceitos da psicologia social. É bastante reconhecido em psicologia de grupos por ser criador do conceito Grupos Operativos.

Para Tellegen⁵ (1984, p. 72), além das divergências teóricas, é possível organizar três categorias no critério relação grupal e postura do coordenador. No primeiro modelo, que tem como representante Slavson, Wolf e Schwartz, ela nomeia como a relação de cada participante com o terapeuta. Esse grupo busca estender a psicanálise individual para o grupo e estuda a relação transferência, não dando destaque para a relação entre o grupo ou para o contexto grupal. O segundo modelo, representado por Foulkes, Bion, Wtaker e Pichon-Rivière, mantêm o foco a relação do grupo-como-um-todo com o terapeuta. Para tanto, aspectos inconscientes emergentes da situação grupal, concentram-se em torno do terapeuta. No terceiro modelo, estão Lewin, Moreno, Roger e Schultz, considera-se a relação interpessoal entre os membros, incluindo o terapeuta:

“O que se procura compreender é a constelação de vínculos e papéis, padrões, normas e pressões grupais, a nível afetivo e funcional. Questões de poder, conflitos, expectativas, etc., são tratadas enquanto pertencentes à situação presente e a postura do terapeuta não favorece o aparecimento de fantasias a nível transferencial. A leitura dos eventos é predominantemente fenomenológica e transversal”(TELLEGEN, 1984, p.73).

Zimerman (2000, p. 137) pontua em relação existência de papéis no grupo que “ a afirmação de que qualquer grupo cria, desde o seu inconsciente grupal, um sistema de papéis encontra uma confirmação estática” e que “é dever do grupoterapeuta ficar atento à possibilidade de estar ocorrendo uma fixação e uma estereotipia de papéis patológicos exercidos sempre pelas mesmas pessoas.” Assim, os papéis mais comuns são: Bode expiatório, portavoz, investigador, sabotador, obstrutor, apaziguador e líder.

Os papéis são para Zimerman (2000) possibilidades de representações das pulsões do Id, enquanto outros representam a função e capacidades do Ego, ou mesmo as proibições e críticas do Superego, e é um seguro indicador para o grupoterapeuta de como está a relação grupal

⁵ Tellegen era gestalt- terapeuta holandesa, é conhecida por realizar uma releitura de conceitos de Perls.

3 MÉTODO

Realizei uma pesquisa qualitativa e utilizei a referência de método da fenomenologia-existencial que apresenta não só uma postura fenomenológica para a realização da pesquisa de campo, como também para a compreensão dos resultados. Além disso, a epistemologia da abordagem da psicologia fenomenológica direcionou a reflexão sobre grupos, baseada na obra de Martin Heidegger⁶ (1927), livro: “Ser e Tempo”.

Heidegger (2012), se atém ao aspecto do ser humano de mostrar-se como o único ser que questiona sobre o sentido da própria existência, diferentemente de um animal ou até mesmo de um objeto. Para o filósofo, a existência humana é a possibilidade de abertura para com o mundo e a possibilidade de buscar entendimento para o mesmo, é o homem que atribui significado as coisas. O autor considera que sem a compreensão do ser humano não é possível dizer que uma coisa é. Desse modo, compreende-se que o ser e o mundo são uma unidade inseparável, de forma que o entendimento do homem está junto às coisas de forma a iluminá-las para sua própria compreensão, mas não é ele que as faz. É essa possibilidade de abertura e de entendimento que permite que as coisas apareçam.

No âmbito da pesquisa realizada ao utilizar o método da fenomenologia-existencial, primeiramente compreende-se que:

Para que seja possível atingir as coisas do mundo como se mostram é preciso aprender a enxergá-las e não apenas enxergar nossas próprias ideias a cerca do que estamos vendo, ideias construídas a partir de teorias ou preconceitos. Para isso, a fenomenologia propõe uma postura frente ao que estamos pesquisando, de suspender tudo o que conhecemos ou pensamos sobre o fenômeno quando de frente a ele. A suspensão fenomenológica servirá de base para a minha pesquisa durante a realização da coleta de dados.

⁶ Martin Heidegger, um dos pensadores mais importantes do século XX, dando origem a Fenomenologia-Existencial, escreveu “Ser e Tempo”, em 1927.

Para problematizar a questão-chave que é o trabalho com grupo, nos aproximamos do que a fenomenologia existencial pôde nos acrescentar a respeito do ser que está no mundo com os outros.

Segundo Heidegger (1981), o modo de existir do “ser-aí” tem suas dimensões fundamentais baseadas na ideia de um “ser-no-mundo”, “ser-com”, “ser-si-mesmo”, a partir da disponibilidade e sensibilidade para com os outros entes, o mundo e si mesmo. Para o autor deve-se dizer que “o próprio ser-aí é, também, “mundo”” (HEIDEGGER, 1981, p. 34).

3.1 Participantes

Com o objetivo de desvelar as percepções do profissional do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da experiência prática desse profissional contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse trabalho, foi entrevistado um profissional com formação e experiências a cerca do trabalho com grupos em teatro.

O profissional, conforme os critérios de inclusão e exclusão, tem experiência no trabalho com grupos, assim como, tem experiência de trabalho em teatro. Ele também apresenta como seu foco, o trabalho com teatro e grupos.

3.2 Instrumentos

A entrevista (ANEXO 1) foi semi-estruturada, reflexiva e tinha por objetivo permitir a ampla expressão do participante (SZYMANSKI, 2001), com foco no aspecto específico de buscar apreender as percepções do profissional do teatro acerca do trabalho com grupo.

3.3 Procedimento

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizei seleção prévia de currículos, objetivando encontrar um profissional que pudesse ser incluído nos critérios estabelecidos. Marquei uma entrevista, por e-mail, onde me identifiquei e agendei o primeiro encontro.

No primeiro encontro fizemos uma conversa, a fim de confirmar os critérios de inclusão e exclusão. Após, explanei sobre o objetivo da pesquisa e conversamos sobre o mesmo, no sentido de “aquecer” o participante para o tema do estudo. Na sequência, iniciei a entrevista e utilizei a referência de temas para orientá-la (ANEXO 2). O objetivo da proposição de temas, fez com que o participante pudesse discorrer livremente sobre os mesmos, de modo a não induzir sua resposta. Os temas abordados por ele também foram considerados durante a entrevista.

O participante foi informado que as entrevistas manterão a confidencialidade de sua identidade, sendo que foram gravadas e depois transcritas.

Segundo Szymanski, na pesquisa qualitativa, o processo de devolução dos dados é fundamental no que tange uma prática reflexiva. Ela acrescenta que essa prática, “possibilitou aos participantes uma reflexão mais aprofundada sobre as questões envolvidas na pesquisa, definindo o caráter de intervenção do processo de pesquisa” (SZYMANSKI, 2004, p. 1).

No final do processo, como sugere a proposta reflexiva, ocorreu um terceiro encontro com o participante, no qual os resultados obtidos foram apresentados e discutidos junto com mesmo, para que não só se dê a validação dos resultados como também que a pesquisa cumpra o objetivo de ser uma oportunidade de reflexão para todos os envolvidos (SZYMANSKI, 2002). Segundo Szymanski apud Seibel (1988), deste modo, os resultados serão compartilhados, sendo uma possibilidade de ampliação e transformação de sentidos e significados para o participante. A pesquisa se torna então uma co-produção dos participantes.

“Essas considerações apontam para a condição de intervenção e de geração de conhecimento presentes nesse tipo de procedimento e atingiram os objetivos de dar a conhecer os resultados analisados e apresentá-los para consideração e reflexão” (SZYMANSKI, 2004, p. 5.).

Os devidos cuidados éticos foram:

O projeto, “PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E TEATRO: novos olhares a partir da prática do trabalho com grupos”, foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sede Campus Monte Alegre, sob o número 436/ 2011, somente após o parecer favorável a pesquisadora deu início à coleta dos dados.

A pesquisadora assinou o “Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável”, comprometendo-se a cumprir os deveres básicos de beneficência, justiça, privacidade e confidencialidade.

O participante tem contato com a pesquisadora e acesso à pesquisa a qualquer momento, uma vez que tem os contatos (e-mail e telefone), no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, cuja cópia fica em seu poder. Bem como, neste mesmo Termo foi informado que poderia, durante a pesquisa, retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. O participante também foi informado que esta pesquisa e seus resultados são partes dos requisitos para que a pesquisadora obtenha o título de Bacharel em Psicologia e para futura publicação.

4 ANÁLISE

Utilizei no procedimento de análise preceitos da pesquisa qualitativa em fenomenologia. Para tal, Szymanski (2004), propõe para a organização da compreensão, a seleção de unidades de significados até encontrar aglomerados significativos. A autora refere que a partir desse procedimento possibilita-se que o fenômeno se desvele.

Continuando, a autora sugere que “as unidades, já mesmo no processo de definição começam a agrupar-se em aglomerados significativos, que se denomina, agora, constelações” (SZYMANSKI, 2004, p. 3).

4.1 Núcleos de Sentido

Realizei a organização do material obtido a partir do encontro com o participante, segundo os temas propostos na entrevista semi-estruturada, além das proposições abordadas pelo participante.

Definindo grupos e possibilidades do trabalho com grupos

O entrevistado menciona e define três tipos de situação de grupo, com as quais ele trabalha. São estes: grupos compostos por estudantes de teatro, grupos de teatro profissional e oficinas aplicadas para grupos de funcionários de empresas.

“Eu trabalho com três tipos de grupos... Então para cada grupo é uma dinâmica diferente”, mas, “Na verdade, falando em todos os grupos, não existem muitas diferenças em relação ao trato”.

Na escola - estudantes de teatro

Em escolas de teatro, com estudantes, ele refere que o grupo não se escolhe, e sim, “são escolhidos” e por trás disso existe um objetivo em comum que é, fazer teatro. Este grupo é heterogêneo, e que no início, este encontro gera uma grande emoção, porém com o passar do tempo e da convivência, começam os atritos, devido ao fato de serem humanos. Ele pontua que é mais fácil os atritos aparecerem nesse tipo de grupo porque surgem diferenças individuais e estão em um momento de aprendizado, e aos poucos vão percebendo as diferenças de opiniões e gostos.

“...é um grupo heterogêneo. Pessoas que nunca se viram, e que no primeiro semestre se amam, se adoram, é o grupo perfeito, é o resto da vida, aí chega no 5º período e já se odeiam (ri), porque são humanos!... “E numa escola isso é mais fácil de acontecer!”

Nesse grupo, ele diz que é necessário dar consciência para o fato de não serem um grupo de teatro. Ele pontua que deve-se focar os objetivos desse encontro, que não são nem do diretor, nem do ator e sim, do grupo. Então, afirma que a harmonia neste grupo será encontrada nas diferenças e que as pessoas só brilharão se o grupo brilhar, o que depende muito das relações humanas nele.

“Olha, vocês não são um grupo de teatro, vocês são pessoas diferentes e que se amam agora e daqui a pouco você podem se odiar. Mas vocês têm que focar os objetivos de um grupo”

Ele acrescenta, para trabalhar com as possibilidades desse grupo, é importante saber que no primeiro encontro eles estão com medo e com inseguranças, deixar consciente os objetivos deles e atentá-los para o momento presente, para que desenvolvam um bom trabalho e um aprendizado agora.

No grupo profissional de teatro

No segundo tipo de grupo, existe uma peculiaridade importante na distinção com o primeiro, as pessoas que compõem este grupo se escolhem e

se unem para algo, sendo este um grupo de teatro profissional. Os objetivos estão mais claros e certos, mas não sabem como chegar onde querem. As pontuações junto ao grupo são estéticas e a exigência no sentido de performance é maior.

“Um grupo geralmente são pessoas que se escolhem, que tem um objetivo em comum, de formar um trabalho, que se unem e que vamos lá, pra um processo para a realização de um espetáculo.”

Na empresa - não atores

“São pessoas que não são atores, estão querendo fazer teatro, apenas para entretenimento, como uma forma de sair um pouquinho do formal, do dia-a-dia e as empresas tem esse foco quando me chamam.”

Em uma empresa, o grupo é formado por pessoas - não-atores, e inicialmente o trabalho é tipo como um entretenimento, visto como uma maneira de sair do formal de modo a descontrair.

“Numa empresa é totalmente diferente, porque eles vêm com a palavra mesmo brincar, vamos brincar de fazer teatro. É uma coisa de descontração, mas de sensibilização.”

A potencialidade é ir além do entretenimento de forma a buscar a sensibilização, partindo do estar junto, do coletivo. Assim, é possível se perceber como um indivíduo dentro do coletivo. O trabalho que ele que desenvolve então é o de humanização, no sentido potencializar esse indivíduo.

As possibilidades observadas na fala do entrevistado sobre o trabalho grupal são: criatividade, humanização, sensibilização, autoconhecimento, encontrar harmonia nas diferenças, experienciar o presente, jogar/brincar, entretenimento, dialogar.

Quadro 1: Descrição da definição de grupo

	Descrição da definição de grupo		
Participantes	Atores	Estudantes de teatro	Não atores
Origem dos Participantes	Grupo de teatro	Escola de teatro	Outros (empresas, escolas..)
Formação dos Grupos	Se escolhem	Não se escolhem	Não se escolhem
Objetivo do Grupo	Homogêneo (objetivos em comum)	Heterogêneo (objetivo de estudar teatro)	Heterogêneo (objetivo de descontrair)
Principais questões	Questões estéticas	Questão da convivência em grupo fundamental para o teatro	Questões de entretenimento e sensibilização

Abordando o grupo

Passo inicial

O entrevistado relata que não existe muita diferença em relação a postura dele na abordagem dos grupos. Coloca que primeiramente busca identificar aspectos sobre o grupo: quem é, o que é, o que quer e o que esse grupo tem de potencial. Em diálogo com o grupo indaga sobre qual o sentido desse encontro para o grupo, de modo a averiguar aspectos relacionados a finalidade que os participantes tem com o grupo.

“Na verdade, falando em todos os grupos, não existem muitas diferenças em relação ao trato. A primeira coisa é que você tem que identificar quem é esse grupo, o que esse grupo é, o que esse grupo quer, e o que ele tem de potencial. Eu dou aula há um bom tempo e trabalho com grupos, e aprendi que eu não posso impor meu ponto de vista, diante de um grupo, porque o grupo é mais forte...”

A partir daí, inicia o trabalho, sendo que então começa a pensar sobre o projeto que desenvolverão, levanta questionamentos agora sobre o sentido desse projeto para os participantes, qual é a importância dele para todos a incluir sua importância também a si mesmo, porque ele também tem seus objetivos, enquanto coordenador-diretor.

-“O que vocês querem falar? O que nós queremos dizer com nosso trabalho, qual vai ser a finalidade dele. É puramente, vocês estão querendo fazer um trabalho pra ganhar dinheiro? Vocês estão pensando em fazer um trabalho que é fundamental pro grupo? Pra vocês? Pra que e por quê?”

Não impor

Na abordagem do grupo afirma que não impõe seu ponto de vista diante do grupo por considerar que o grupo tem mais força.

O encontro com o grupo

“Zerar”

Em relação ao encontro com o grupo, o entrevistado coloca que no primeiro encontro a postura que assume é ir aberto ao grupo, saber estar vazio, sem nada muito previsível.

“Venho simplesmente pra conhecer e pra trocar, vamos nos conhecer, e no decorrer dessa brincadeira, desse bate papo a gente vai desenvolvendo, com um jogo aqui, eu vou vendo e sentindo aquele momento e a gente vai se desenvolvendo nesse processo.”

Ele utiliza o termo “zerado” e o designa para: postura de estar pronto a receber, não ir armado ou com muito planejamento, não impor nada ao grupo, desviar o caminho de sua expectativa para poder abraçar o grupo. Deste modo, é possível de estar com a energia do grupo e assim, percebendo o grupo, fazer com que o grupo esteja junto com ele. Ele afirma que no primeiro dia pode ir com idéias, mas pode abandoná-las rapidamente, por que é somente no contato com o grupo é que ele terá o “diagnostico” do que trabalhar.

“...eu não posso ir armado, eu não posso ir com nada muito previsível... planejamento de aula que eu tenho, minha experiência permite, eu posso tá com ele pronto, mas eu tenho que estar e sentir a energia do grupo, se eu impor qualquer coisa pra esse grupo, eu sei que não vou tirar nada dele, então tenho que perceber o grupo e determinado momento, eu tenho que desviar o meu caminho daquilo que eu tinha inicialmente planejado pra poder abraçar a idéia do grupo, pra que o grupo caminhe junto comigo. O primeiro dia eu posso ir com uma idéia, mas eu também posso abandoná-la rapidamente a partir do momento que eu tenho contato com esse grupo...”

Complementando, a postura de estar “zerado” é um instrumento para conhecer, trocar, brincar e perceber o que é interessante de ser trabalhando naquele momento, assim surge como será a condução desse grupo.

Aqui e agora

Outro apontamento interessante que ele faz é atentar-nos para estar ligado ao momento presente, afirma que as coisas na vida não foram e nem serão, apenas são. Diz que isto o atenta a estar aqui, pensar aqui e fazer algo de bom agora.

Roda

O entrevistado também acentua a postura de colocar o grupo em roda, de modo a não submeter o grupo ao processo de hierarquia. Ele diz que o coordenador-diretor “ser parte” do grupo não o rebaixa, dizendo que compreende que ou você está com o grupo ou não está, e que se coloca de igual com o grupo. Continua, acrescentando que é o que ele tem a dizer e como ele o faz que delimita sua autoridade, não sendo preciso para isso usar da hierarquia e da diferenciação de papéis. Seu papel no grupo que o diferencia é que deve tomar algumas decisões diferentes dos outros membros, mesmo discutido os pontos, cabe a ele decidir sobre eles.

Quadro 3: Descrição de como se dá o encontro com o grupo

Descrição de como se dá o encontro com o grupo
1. Não impor seu ponto de vista
2. Ir aberto ao grupo, “Zerado”
3. Momento do aqui - agora
4. Deshierarquização

Quadro 4: Descrição da abordagem do grupo

Descrição da abordagem do grupo
1. Não existe diferença em relação ao trato
2. Identificar: quem é esse grupo, o que é, o que quer, qual o potencial.
3. Qual o sentido desse encontro para o grupo

Observações sobre o grupo

As observações que são apontadas em relação aos grupos giram em torno de aspectos pertencentes à humanidade. Ele atenta para os conflitos, de caráter humano, dizendo que na relação humana aparecem muitas vezes atritos.

“E humano com humano, é contraditório isso, mas chega um momento que vai pintar um atrito, e vão surgir as diferenças.”

Aponta que as diferenças entre as pessoas aparecem, a partir do trabalho do grupo, e quando bem utilizadas, são a faísca para a criação, e servem para alimentar o grupo, porém quando mal utilizadas se tornam algo muito delicado. Frente a isso, acentua que discutir sobre isso é importante, que as pessoas do grupo não devem guardar os conflitos para si, porque uma hora ou outro esses problemas explodem e isso sempre acontece na hora errada.

“Então temos que encontrar uma harmonia nas diferenças. Tem que deixar consciente pra eles, que somos humanos, somos diferentes, vai pintar a diferença, assumo ela, vamos discutir, não guarde, porque no teatro se você guarda explode, e quando explode, explode na hora errado, aliás, não só no teatro como em qualquer local.”

Ao dizer que teatro é uma arte de gente, acentua que ele somente nasce do encontro entre seres humanos, deste modo, o diálogo é fundamental para que essa arte aconteça.

Quadro 5: Descrição dos aspectos observados nos grupos

Descrição dos aspectos observados nos grupos
1. Conflitos e atritos
2. Aparecimento das diferenças
3. Diálogo

Trabalhando com o grupo, percepções e possibilidades de trabalho

O entrevistado relata que questiona o grupo sobre o porquê esta fazendo, ou querendo fazer teatro. Essas reflexões sugeridas pelo entrevistado, dizem respeito a importância em desenvolver um projeto de trabalho que esteja envolto em sentido para os participantes. Então, ele percebe que há um esvaziamento de encontros e que parece que as pessoas não estão mais incomodadas e não se espantam com nada. Isto levaria a relações, interesses e escolhas superficiais. Ele aponta também que compreende que isso não é culpa das pessoas, e sim, de um processo de massa no qual as pessoas estão alicerçadas, que veicula informações de pronto. Esse processo as impede de perceber que podem agir se manifestar e ir além do que é dado, porém, eles preferem ainda ficar acomodadas.

“E hoje eu percebo que assim, existe um esvaziamento de encontro, as pessoas não estão mais incomodadas com nada, os grupos não estão mais incomodados, com nada. Não existe mais o chamado espanto. As pessoas não se espantam com nada, então esta muito superficial, as escolhas estão superficiais. E eu não culpo as pessoas, que estão recebendo essas informações, e pronto e estão tão alicerçadas no processo de massa, que não conseguem perceber que podem gritar um pouco mais, e elas não gritam. Então elas preferem ainda ficar acomodadas, algumas (ri)”.

Ele coloca como seu objetivo fazer essas pessoas agirem um pouco mais, entrar em um processo de desmassificação e se soltar, sair de uma posição cômoda e ir além, importante fator para o processo de criação.

“Mas na maior parte eu sinto que existe uma acomodação, aí a gente tenta cutucar, para ver se onde a ferida está clara e exposta, para que se possa ferir num bom sentido, para que isso possa alimentar a vontade deles fazerem.”

Sobre seu trabalho com grupos acrescenta que gosta de estar junto e trabalhar com grupos, e busca com isso de algum modo, que ambos nessa relação, melhorem em algum aspecto. O entrevistado relata que nesse processo mais do que você ensina, você aprende.

Quadro 6: Descrição da percepção sobre grupos e suas possibilidades de trabalho

Como percebe os grupos	Possibilidades de trabalho
1. Alienação	1. Quebra das paredes que te travam
2. Esvaziamento de encontros	2. Estar junto com as pessoas, dialogar, brincar, jogar
3. Falta de incômodo/espanto	3. Sair do cômodo
4. Superficialidade	4. Buscar alguma coisa, sair da mesmice, Despertar o adormecido
5. Acomodação	5. Ampliar os caminhos

6. Massificação	6. Desmassificação, “fazer gritar um pouco mais”
-----------------	--

4.2 Síntese dos Focos de Análise

Para o desenvolvimento do procedimento de análise, a organização da compreensão se deu a partir da seleção de unidades de significados que possibilitou formar aglomerados de significados. Apresentados abaixo:

“Um grupo geralmente são pessoas que se escolhem”

“...diferença gritante entre um grupo de teatro e uma escola...”

“...não existem muitas diferenças em relação ao trato...”

“-Nós sabemos o que queremos, não sabemos como chegar lá, mas sabemos o que queremos!”.

“Olha, vocês não são um grupo de teatro, vocês são pessoas diferentes e que se amam agora e daqui a pouco você podem se odiar. Mas vocês têm que focar os objetivos de um grupo”

“O que nós queremos dizer com nosso trabalho? Pra que ele vai ser importante pra nós?”

“O que vocês querem falar? O que nós queremos dizer com nosso trabalho, qual vai ser a finalidade dele. É puramente, vocês estão querendo fazer um trabalho pra ganhar dinheiro? Vocês estão pensando em fazer um trabalho que é fundamental pro grupo? Pra vocês? Pra que e por quê?”

“E uma coisa clara em teatro é que se o objetivo é dinheiro o fracasso é certo.”

“Teatro é, ele não foi e nem será. Eles só é, e nada da vida foi e será. Por que é só isso que existe, o presente, então se ele só é pensei aqui, não

pensei o que vocês vão fazer lá na frente ou no que fizeram de legal lá atrás, tem que fazer o de bom agora...”

“E hoje eu percebo que assim, existe um esvaziamento de encontro, as pessoas não estão mais incomodadas com nada, os grupos não estão mais incomodados, com nada. Não existe mais o chamado espanto. As pessoas não se espantam com nada, então esta muito superficial, as escolhas estão superficiais”.

“Então o processo é, vamos discutir o homem, vamos discutir nós”.

“Então, focar o objetivo de um grupo, porque o objetivo não é o do professor, não é o do aluno, é o do grupo, para que todos possam brilhar”

“Somos todos iguais, não tem um processo de hierarquia, somos um grupo”!

“...então eu to ou não to com eles, me coloco de igual...”

“Quando eu vou no primeiro dia de encontro em um grupo, eu vou zerado, eu não posso ir armado, eu não posso ir com nada muito previsível. ...Venho simplesmente pra conhecer e pra trocar, vamos nos conhecer, e no decorrer dessa brincadeira, desse bate papo a gente vai desenvolvendo, com um jogo aqui, eu vou vendo e sentindo aquele momento e a gente vai se desenvolvendo nesse processo”.

“...é saber estar vazio, o que não quer dizer que você não saiba seus objetivos, mas estar vazio para que você esteja pronto a receber”.

“...poder abraçar a idéia do grupo, pra que o grupo caminhe junto comigo...”

“E ai o meu trabalho é, fazer com que eles se sintam a vontade, juntos! A questão é o grupo, o coletivo, tem que potencializar esse coletivo”

“...esse individual vai vingar se o coletivo estiver numa boa energia e se esse individual estiver inserido bem no coletivo, o que não é fácil. Então temos que encontrar uma harmonia nas diferenças”.

“...no coletivo você não se percebe e fica mais a vontade pra se expor, e o jogo permite isso, porque elas não estão se mostrando, elas estão jogando e no ato do jogo e da brincadeira se elas jogam de verdade e brincam, elas se revelam”.

“O jogo teatral serve para inserir a pessoa dentro do coletivo e pra trazer o lúdico, a brincadeira, a paz do teatro, ele inicia mesmo, inicia mesmo”!

“Eu não sou contra o outro, eu sou com o outro e estar com o outro não quer dizer que você concorda com ele”

“O legal é isso, é juntos! E teatro é isso, é juntos, eu não posso fazer teatro sozinho, sozinho não é teatro”.

“Jogo nunca parte da palavra competição e sim da palavra cooperação”.

“Quando você está desumanizado porque está competindo, você não alcança o outro, não alcança o objetivo do teatro”.

“A sensibilização em relação ao outro”.

“...vão surgir as diferenças, essas diferenças que deveriam ser para alimentar o grupo, sabe aquela faísca, faísca é fogo, é bom, deveria ser bom de alguma forma, né”?

“Teatro só precisa de uma coisa só, ator, e ator é gente, teatro é uma arte de gente, só nasce do encontro, tem as técnicas, o tornar-se sensível, para dialogar com o que quiser”

“...quando você vai criar uma personagem, ela só acontece quando você humaniza ela, pra humanizar, e para isso, parte do princípio de que essa personagem como você tem que ter uma história, essa personagem como você

é o que é porque tem uma historia. Todos têm historia, todos têm belíssimas histórias. A humanização está no principio de aceitar a sua historia”.

“Quando você está com o outro é aceitar a história do outro e assumir a sua história”.

“Tem que deixar consciente pra eles, que somos humanos, somos diferentes, vai pintar a diferença, assuma ela, vamos discutir, não guarde, porque no teatro se você guarda explode, e quando explode, explode na hora errada”.

“ Me traga alguma coisa que você fez e te surpreendeu, ou foi diferente. Faça algo que você nunca tinha feito.”

“O que eu quero é que ela possa olhar o mundo com mais cuidado”.

“Será que isso vai mudar alguma coisa na vida dela? Acho que vai”!

“Se ela gosta de Michel Teló tudo bem,.mas nada me impede de apresentar outras coisas a ela”.

“É uma coisa de descontração, mas de sensibilização...que se sensibilize para arte em algum sentido...”

“Tem a finalidade de lapidar um pouquinho sua sensibilidade...”

“...tem gostos, desejos, vontades e tem o principio básico de vida que é o prazer...”

“...o teatro é para lapidar o humano, teatro é humano...”

“Mas na maior parte eu sinto que existe uma acomodação, ai a gente tenta cutucar, para ver se onde a ferida esta clara e exposta, para que se posse ferir num bom sentido, para que isso possa alimentar a vontade deles fazerem”.

“...no fundo todo mundo é um ator, mas algumas pessoas não têm isso como profissional”.

“Uma experiência legal é quando você coloca pessoas muito jovem com pessoas mais velhas ou pessoas muito diferentes, porque elas aprendem junto com a diferenças, as relações são bem legais, porque cada um ensina o outro, quando eles estão jogando juntos”!

4.3 Compreensão da Entrevista

Para a realização da análise específica, são apresentadas as unidades de significados a partir das quais foram-se os aglomerados.

O entrevistado apresenta como característica fundamental que *“Um grupo geralmente são pessoas que se escolhem”*então, que sua composição parta das escolhas recíprocas de seus membros. Ao definir os tipos de grupos, o único que poderia ser considerado um grupo propriamente dito, é o composto de profissionais do teatro. O grupo de profissionais é um grupo. Eles têm objetivos em comum, porém o grupo de estudantes também tem um objetivo em comum, que é fazer teatro, depois ele afirma que o grupo de estudantes não é um grupo. Portanto, o que define o que é um grupo não é o fato de ter objetivo em comum e sim, sua formação ser de pessoas que se escolhem. Os aspectos que diferencia um de outro é que no de estudantes, eles são escolhidos.

Em diversos momentos do processo de idealização de um projeto em comum, o entrevistado levanta questionamentos para os participantes e para ele próprio também, em *“O que nós queremos dizer com nosso trabalho? Para que ele vai ser importante pra nós?”* Esses questionamentos buscam pelo sentido, individual e coletivo, de estarem ali. Também abre-se para a reflexão o que querem falar com seu trabalho e qual a finalidade dele.

O entrevistado menciona: *“Então focar o objetivo de um grupo, porque o objetivo não é o do professor, não é o do aluno, é o do grupo, para que todos possam brilhar”*. Esta colocação refere-se ao “como” o processo realizado junto aos alunos, na escola de teatro, ocorre, a partir do trabalho grupal. Deste modo, o aprendizado a ser trabalhado junto a eles inclui a importância de

focarem e conhecerem a respeito do ser um grupo, e seus objetivos. Atenta-se para a importância disso para que “todos possam brilhar”, para isso, existiria uma dependência do bem suceder desse processo.

O modo do entrevistado compreender o trabalho grupal é o de priorizar a experiência coletiva e o grupo como fundamental para o trabalho artístico, de modo a focar um investimento no aprimoramento dessa relação, que não ocorre naturalmente. Então pontua sua atenção ao *“E ai o meu trabalho é, fazer com que eles se sintam a vontade, juntos! A questão é o grupo, o coletivo, tem que potencializar esse coletivo”*. O grande desafio gira em torno da relação do grupo. A importância de um coletivo potencializado, também é importante para o trabalho realizado na escola, com os alunos.

O entrevistado relata conflitos humanos desencadeados pelo encontro humano e também pelas diferenças entre as pessoas. Ele deixa claro qual é seu posicionamento em relação ao que compreende sobre o encontro *“Eu não sou contra o outro, eu sou com o outro e estar com o outro não quer dizer que você concorda com ele”*. Essas diferenças podem ocorrer em qualquer dos três grupos mencionados, porém ele afirma ser mais comum no grupo de alunos. Para o processo teatral, ele fala que as diferenças são os conflitos e também a faísca necessária à criação. Deve então ser incluída no processo grupal, como algo semeador e não como algo negativo, e é trabalhada sempre que aparece, assim como se discute a respeito da existência do homem de modo a considerar os conflitos e limitações. Assim, o processo grupal é, essencialmente, com os outros, e a harmonia está na aceitação do outro, além das diferenças, por ser esse um ponto de união e não de rompimento.

Ao considerar que *“Teatro só precisa de uma coisa só, ator, e ator é gente, teatro é uma arte de gente, só nasce do encontro, tem as técnicas, o tornar-se sensível, para dialogar com o que quiser”*, foca-se o desenvolvimento de técnicas, enquadres e contratos para tal. A partir da peça fundamental ao teatro, que é o ser humano, um encontro significativo é capaz de promover uma sensibilização em relação ao outro, ao mundo e a si próprio, a humanização a partir da própria história, da história do outro, da história do personagem, uma abertura que torna possível ampliar a capacidade de

dialogar com o mundo. As técnicas que estão envoltas para tornar o encontro, uma arte, são os jogos teatrais.

Em tal trabalho, visualiza-se a lapidação e a sensibilização do homem, em algum aspecto. Em sua prática solicita do grupo *“Me traga alguma coisa que você fez e te surpreendeu, ou foi diferente. Faça algo que você nunca tinha feito.”* Novos olhares sobre o mundo são estimulados e servem de base para a criação artística e também a criação de ampliar olhares sobre a vida, de modo a modificar o existir.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

“Tudo o que nos acontece, acontece pela primeira vez, todas às vezes. Cada dia é um novo dia: estamos condenados à criatividade! Ser humano é ser artista.”(BOAL, 2009, p. 90).

Para desenvolver uma possível reflexão em busca de um paralelo entre a psicologia fenomenológica e o trabalho com grupos, foi realizada uma articulação entre a compreensão da Fenomenologia - Existencial de Martin Heidegger, base para a Daseinsanalyse na psicologia e a entrevista realizada nesta pesquisa, na qual se pretendeu desvelar a percepção do profissional do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da sua experiência prática contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse trabalho.

Iniciamos, então, da investigação do modo de existir do “ser-aí”, em suas dimensões fundamentais de “ser-no-mundo”, “ser-com”, modos de disponibilidade e abertura para com os outros entes, o mundo e si mesmo. Deve-se dizer que o próprio ser-aí é, também, “mundo” (Heidegger, 1981, p.34).

A base epistemológica do pensamento de Heidegger (1981, p. 31), não parte da separação cartesiana de Sujeito-Objeto. Para o autor, é indissociável o ser- aí (Dasein) e o mundo. Ele revoluciona a compreensão de homem e de mundo quando une intrinsecamente o ser e o mundo, então o ser-no-mundo “de imediato, um sujeito nu, desprovido de mundo, nunca é ”como também“ um ‘eu’ isolado, sem os outros, também está de imediato, especialmente distante de ser apresentado”.

Ao invés de isolar o “eu” ou buscar distinguir sujeito X outros/mundo, o filósofo descreve sua compreensão de “outros”. Segundo Heidegger (2012):

“Os “outros”, não significam todo resto dos demais além de mim, do qual o “eu” se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está”(p. 174).

A fenomenologia apresenta uma compreensão do ser humano que não considera que exista um ser “**em si**”, que em determinado momento, quando sai do seu mundo particular, conhece o outro ou se encontra com o outro. Essa abordagem considera que eu *já sou **com** os outros*, essencialmente, e essa relação é constitutiva para ambos. Para Heidegger (2012), “a base desse ser-no-mundo determinado pelo **com** (grifo meu), o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença (do Dasein) é mundo compartilhado. O ser-**em** é ser-com os outros. (p.175)” Esta relação com os outros humanos se dá de uma forma que quase se torna difícil, então, a distinção, diferentemente da relação junto a outros entes que não humanos.

Heidegger diferencia a relação do Dasein com os outros Dasein da relação do Dasein junto à outros entes, ““a preocupação”, no sentido de instituição social fática, por exemplo, funda-se na constituição de ser da presença (Dasein) enquanto ser-com”(Heidegger, 2012, p.178) e à ocupação concebe ao manual intramundano. Portanto, o modo de relacionar-se é o da preocupação baseada no cuidado e não da ocupação, como com objetos e animais.

Deste modo, fazendo um paralelo ao processo psicoterápico na fenomenologia, tanto em um trabalho de psicoterapia individual quanto para um trabalho grupal (em fenomenologia) se compreende o Dasein como ser-com (assim como sua mundaneidade). Pensando onticamente em fenomenologia e grupo, por meio de um embasamento para um trabalho grupal, o ser-com no grupo, também está envolto por preocupação e assim, cuidado, podendo ser considerado este como um espaço humano, portanto, de cuidado. Pompéia (2004) acrescenta a respeito do ser-com e a fertilidade desta abertura:

“A palavra homem tem a mesma etiologia de húmus. Húmus é terra, mas não qualquer terra. É terra fértil. A peculiaridade da terra fértil é sua abertura para acolher a semente que cai sobre ela. Esse solo recolhe a semente para que o grão venha a ser. Pois uma semente é sempre um poder ser, uma promessa daquilo que ainda não é, mas que poderá ser e chegará a ser quando encontrar a terra fértil. Não será aquilo que a terra possa querer que ela seja, mas aquilo que ela mesma, semente, já trás como poder ser” (p.28).

O processo grupal (abertura para acolher), encontro entre seres humanos, também é terra fértil, que semeia, no sentido de iluminar as diversas possibilidades de ser dos outros (ser-com) nas relações do grupo (floresta).

Será que este tipo de trabalho promove um tipo de relação que abra possibilidades de ser do outro, diferentemente do trabalho individual?

Segundo reflexões realizadas em sala de aula por Ari Rehfeld⁷, professor e pesquisador da Faculdade de Psicologia da PUC SP, que realiza amplo trabalho prático com grupos, a situação grupal se difere da situação da clínica individual. Isso ocorre porque no processo individual o terapeuta tem acesso ao evento ocorrido com o paciente a partir de seu relato ou da leitura do evento relatado. Assim, o terapeuta realiza alguma pontuação sobre o evento relatado a partir de seu olhar. Então, o paciente pode ou não aceitar a colocação do terapeuta. Já na situação grupal, a intervenção é diferente: a situação relatada do evento ocorrido, aconteceria de fato no grupo, não por meio de relato, e assim, o terapeuta poderia pedir que a pessoa ou o grupo que vivenciou o evento ocorrido expressasse o que sentiu, e poderia até, inclusive, propor "in loco" modificações a serem experimentadas no evento ocorrido, modificando a capacidade de perceber, podendo assim alcançar uma maior densidade emocional, maior complexidade e maior proximidade. Deste modo, Rehfeld refere que nesta situação de intervenção o trabalho seria "mais próximo da coisa mesma ou até mesmo com a coisa mesma", proposta dada por Husserl, precursor da fenomenologia à filosofia de "voltar as coisas mesmas".

A situação grupal tem potencial para ser um espaço de transformação e cuidado. Segundo Heidegger (2012), existem dois modos de cuidado (preocupação), e entre eles suas nuances. A primeira delas consiste em *saltar para o lugar do outro*, isto é, realizar algo pelo outro como uma substituição, pretendendo um estado de dependência e dominação, no qual assumo o cuidado que o outro deveria ter. O segundo modo "subsiste ainda a

⁷ Ari Rehfeld, precursor da Abordagem Fenomenológica Existencial na Gestalt-Terapia Brasileira, coordenador do Centro de Formação e coordenação de Grupos em Fenomenologia, coordenador do Núcleo e da Abordagem Fenomenológica na Faculdade de Psicologia da PUC SP e Supervisor na Clínica Psicológica da PUC SP.

possibilidade de uma preocupação que não tanto substitui o outro, mas *salta antecipando-se a ele* em sua possibilidade existenciária de ser, não para retirar-lhe o “cuidado” e sim para devolvê-lo como tal. Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma *coisa* de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, *em sua cura, transparente a si mesmo e livre para ela*”(p. 178).

Este modo de cuidado é considerado “liberador”, de forma que se devolve ao outro o cuidado que é dele, então devolve o outro a si mesmo e é se preocupando com o outro, que estou cuidando do meu próprio existir.

A partir de entrevista se abre um horizonte de ser-com por meio do grupo que propicia uma experiência complexa. O entrevistado afirma: “*Quando você vê revela também as limitação. Teatro não adianta acreditar que, ah, vamos sorrir, vamos ser felizes. Todo mundo quando vê uma peça pronta, tem uma tendência a achar que é tudo maravilhoso. É maravilhoso, mas tem muitos problemas, porque somos humanos! Quando você esta desumanizado porque está competindo, você não alcança o outro, não alcança o objetivo do teatro.*” O entrevistado, em diversos momentos nos chama a atenção para a relação grupal, na qualidade de contato que explicita os conflitos humanos, e que de certa maneira desencadeia sensibilização ao outro e humanização.

Para Heidegger, a preocupação libertadora não é um indicativo de que “tudo é só bem estar” e não se contrapõe necessariamente a conflitos e angústias. Este modo de preocupação se abre a antecipar-se ao lugar do outro, e devolver o cuidado coerente e propício. Na entrevista, aparece a fala “*Tem que fazer o de bom agora, e o de bom agora as vezes vai ser terrível pra vocês*”.

A partir das nuances, Heidegger (2012) acrescenta “o ser por outro, contra o outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis de preocupação”(p.178).

O trabalho do entrevistado apresenta um tipo de preocupação que prioriza e valoriza o estar com os outros, base caminhar com os grupos. Em diversas falas percebemos a importância do coletivo: “*O legal é isso, é juntos! E teatro é isso, é juntos, eu não posso fazer teatro sozinho, sozinho não é*

teatro.” e “Teatro só precisa de uma coisa só, ator, e ator é gente, teatro é uma arte de gente, só nasce do encontro, tem as técnicas, o tornar-se sensível, para dialogar com o que quiser”.

Quanto ao encontro e abordagem do grupo, o entrevistado relata “vazio” que é “saber estar vazio, para sentir a energia do grupo, para percebê-lo, conhecê-lo, brincarem juntos. Essa postura encontra um correlato com a postura fenomenológica de suspensão de preconceções proposta por Husserl. Este ponto é enfatizado por Heidegger quando “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (Heidegger, 2002, p. 65), mantendo-se atento, observador das coisas mesmas. Para Monticelli (2002) essa postura fenomenológica de estar atento as coisas mesmas, trás uma abertura para compreender o saber do outro, “a silenciosa disponibilidade de deixar que elas falem primeiro, de deixar que o fenômeno se anuncie, antes de impor-lhe o nome e a teoria. É a capacidade de escuta verdadeira e a disponibilidade para se reconfigurar diante do “novo” que se apresenta a cada momento”.

Em relação a forma que o entrevistado se coloca no grupo, afirma: “...então eu tô ou não tô com eles, me coloco de igual...” , “Então focar o objetivo de um grupo, porque o objetivo não é o do professor, não é o do aluno, é o do grupo, para que todos possam brilhar” e “Somos todos iguais, não tem um processo de hierarquia, somos um grupo”!

Para Monticelli (2002), é preciso que todos os nossos sentidos se mobilizem atentamente para intuímos a totalidade da experiência vivida. Desta forma, podemos pensar no orientador como incluído na vivência grupal, com os sentidos e intuições mobilizadas, próximo ao processo que esta sendo construído e da mesma forma que os outros participantes, também é imprescindível para o que será construído.

Heidegger (2012, p. 179) afirma que “...o empenhar-se em comum pela mesma coisa determina-se a partir da presença apreendida, cada vez, propriamente. È essa ligação *própria* que possibilita a justa isenção, que libera o outro em sua liberdade para si mesmo. ... a preocupação esta guiada pela *consideração e pela tolerância*”.

Tanto a *consideração* como a *tolerância*, acompanham os modos de preocupação, e todas as variações e possíveis nuances estão correlacionadas, inclusive a modos de preocupação deficientes ou indiferentes. Na vivência prática do entrevistado também faz referência como um “sinalizador” da relação do grupo a *consideração* e a *tolerância*, quando o entrevistado coloca que *“Eu não sou contra o outro, eu sou com o outro e estar com o outro não quer dizer que você concorda com ele”* (*tolerância*), e na expressão das dificuldades em relação as diferenças humanas: *“ se não trabalharmos a diferença ela explode, elas deveriam ser para alimentar o grupo”* (*consideração*).

Segundo Heidegger (2012, p. 182), “porque a presença (Dasein) é, ela possui o modo de ser da convivência. Esta não pode ser concebida como o resultado da soma de vários “sujeitos””.

Para tal, o modo do entrevistado compreender o trabalho grupal, corresponde a um modo de convivência que considera como foco central e ontologicamente, a própria convivência (do “senso comum”), e acrescenta com *“o objetivo não é do professor, não é do aluno é do grupo”* e *“teatro é isso, é junto, eu não posso fazer teatro sozinho, sozinho não é teatro.”*, *“eu to ou não to com eles, me coloco de igual”*. Trazendo um outro ponto para a reflexão, Boal (2009) fala sobre algo que é fundamental para um grupo que é o fato de terem uma orquestração maior, que os torne um grupo musical, por exemplo, além de sua composição ser um conjunto de ótimos músicos. Um grupo, a compreensão ôntica de Heidegger para a convivência do Dasein, também não será considerado como uma somatória de sujeitos, para o trabalho grupal da psicologia fenomenológica.

Na medida emergem falas que ressaltam a necessidade de desenvolver um trabalho que faça sentido a todos do grupo, reservando principalmente para o início do processo este momento de reflexão e investigação, também aponta como fundamental que as pessoas sejam presenças significativas, por meio do manter no que é, no momento agora, convocação à presentificação. Não podemos desconsiderar que o entrevistado se refere a um trabalho de criação e as necessidades para tal relacionam-se com este objetivo. A caça pelo sentido coletivo e individual de estar ali, é base posteriormente para o processo total. Podemos correlacionar essa busca de tentar *“...cutucar, para ver se onde*

a ferida esta clara e exposta, para que se posse ferir num bom sentido, para que isso possa alimentar a vontade deles fazerem.” A ferida referida reafirmar a tensa tarefa de questionar-se pelo próprio ser, que está sempre em jogo. Parece então, convocar a autenticidade reabrindo a perplexidades da própria falta de compreensão. A experiência prática do entrevistado sugere que estar com o outro é potencia de ampliação. Estar com o outro é sempre um fenômeno. Estar com o outro é estar com si mesmo de alguma forma, o outro diz sobre você.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é importante apontar que o tema “grupos” inclui uma vastidão de aspectos que poderiam ser estudados. O enfoque escolhido buscou desvelar a percepção do profissional do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da experiência prática desse profissional contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse tema.

Buscou-se, por meio da fenomenologia, compreender a experiência desse profissional, assim como, desenvolver uma articulação do olhar fenomenológico que embasa um trabalho grupal. Neste caso, percebeu-se a escassez trabalhos científicos da fenomenologia para o tema. Porém, foi encontrado profissionais que realizam essa relação, fenomenologia e grupos, em sua prática.

A experiência prática do profissional do teatro, nos trouxe um modo de compreender o trabalho grupal que é essencialmente baseada na relação grupal e nas técnicas e olhares, para tal. A postura do entrevistado frente ao grupo foi considerada semelhante a suspensão fenomenológica e compreendemos que a todo momento o entrevistado abre ao grupo questionamentos e reflexões a respeito da busca pelo sentido do trabalho, do que se quer dizer e da própria existência humana.

A ampliação sobre o tema foi um objetivo alcançado, por meio do relato da reflexão de Ari Rehlfeld, que diferencia a terapia individual da grupal, em fenomenologia. A partir da entrevista, foi possível perceber uma série de visões bastante distintas das já existentes em psicologia grupal pesquisada no presente trabalho, sendo que alguns novos aspectos podem ser “abraçados” pela psicologia. No entanto, fica claro que o olhar para o grupo dado pelo entrevistado refere-se exclusivamente ao trabalho do teatro, baseado na criatividade. Contudo que o enfoque do trabalho grupal na psicologia seja semelhante ao da “criatividade”, necessitaria ainda mais pesquisas para a utilização das considerações do entrevistado, visto que estamos em outra área de saber.

Sugiro que em outras pesquisas se desenvolva um maior aprofundamento na articulação fenomenologia e grupo, por meio da pesquisa teórica e também da pesquisa de campo, de forma a buscar a experiência prática dos profissionais da psicologia fenomenológica no campo grupal.

Também considero, que uma pesquisa que relacione o fenômeno do ser criativo ao modo de existir do ser humano, poderia modificar o contexto do trabalho grupal em psicologia.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES(1920). Poetics. Trad J. Bywartes. Oxford.

BEHELLI, L. P. de C. and Santos, M. A. (2004). Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]., vol.12, n.2, pp. 242-249. ISSN 0104-1169. doi: 10.1590/S0104-11692004000200014.

BIRMAN, J. (2005). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Ed 5- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BINSWANGER, L. Existential Analysis and Psychotherapy, in Progress in *Cad. Pesqui.* [online]. 2004, vol.34, n.121, pp. 247-248. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742004000100012>.

BOAL, A. (1931-2009) A estética do oprimido / Augusto Boal. - Rio de Janeiro: Garamond, 256 p. : il.

COURTNEY, R. (1974). Jogos, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação. Ed Perspectiva. 2 ed.

CUPERTINO, C. (2001). Criação de formação. Ed Arte e Ciência.

DUTRA, E. Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais? Natal Disponibilizado em: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/html/v8n2a08.html#mailfim>

FERNANDES, F. F. A psicologia analítica junguiana e o trabalho com grupos. São Paulo, 2006.

HEIDEGGER, M. (1981) Todos nós... ninguém. Um enfoque fenomenológico do social. Trad.: Dulce Critelli. São Paulo: Moraes.

HEIDEGGER, M. (2002). Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes.

HEIDEGGER, M. (2012). Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes.

LISPECTOR, C. (1978). Água Viva. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MACHADO, M. M. (2001). Cacos de Infância/Nascimento, Vida e Morte da Personagem Criança em Roteiros de Improviso.

MALDONADO, M.T. O trabalho grupal: estruturas e modelos. In_. Maternidade e paternidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. (1999). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes.

MONTICELLI, R. (2002). El Futuro de la Fenomenología. Meditaciones sobre el conocimiento personal. Madrid: Ediciones Cátedra.

OSÓRIO, L. C. Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PICHON-RIVIERE, e. o processo grupal. São Paulo: Martins fontes, 2000.

POMPÉIA, J. A. e SAPINZA, B. T. (2004). Na presença do sentido. Ed Paulus. São Paulo.

PSYCHOTHERAPY, ed. Fromm-Reichmann e Moreno. Nova York: Grune & Stratton, 1956.

ROCHA, T. e KASTRUP, V. (2008). A partilha do sensível na comunidade: interseções entre psicologia e teatro. Estudos de Psicologia, página 97-105.

SPOLIN, V (2003). *Improvisação Para o Teatro*, Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos, Coleção Estudos nº 62, Editora Perspectiva.

STRUCHINER, C. D. (2007). Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, dez. . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2011.

SZYMANSKI I, H. O psicodrama e o Trabalho com Famílias, In Puttini, E.F. e Lima, L.M. *Ações Educativas: vivências com psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo: Agora, 1997.

SZYMANSKI I, H. Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia da Educação da PUC/SP*. São Paulo, v. 10/11, 2001, p. 193-215.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em educação; a prática reflexiva*. Brasília: Editora Plano, 2002.

SZYMANSKI, H. . A Prática Reflexiva em Pesquisa com Família de Baixa Renda. In: II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2004, Bauru. Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2004.

TELLEGEN, t. a. *gestalt e grupos, uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: summus, 1984.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos teóricos. In: Zimerman, D.E., OSORIO, L.C et al. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 26-31.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*, 2. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2000.

ANEXO 1-TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora: Conte me um pouco sobre sua trajetória e experiência profissional.

Participante: Eu comecei, falando em teatro, eu comecei faz uns 20 e poucos anos atrás e foi em um curso, eu fazia faculdade de psicologia, pensei em algum momento da minha vida que eu seria psicólogo e percebi que eu não nasci pra isso. Mas lá dentro foi formado um grupo de teatro e eles me chamaram. Eu fiz parte desse grupo e me interessei mais pelo teatro, e acabei me dedicando mais ao grupo que ao curso e acabei desistindo do curso e resolvi buscar um curso de teatro. Vi que eu não entendia nada de teatro, eu gostava, mas não entendia nada.

Ai em 92 eu comecei a fazer a Fundação das Artes e dali pra frente fui... Me formei em 94. Trabalhei em tudo que se possa pensar em teatro: como ator, bilheteiro, faxineiro, tudo, iluminação... As áreas que eu nunca trabalhei foram maquiagem e figurino, porque não é minha cara, eu não sirvo pra isso.

Hoje eu me dedico mais a duas áreas: dar aulas e direção. São meus dois maiores fortes. Palco, eu atuo como ator, faz um bom tempo, às vezes a gente recebe um convite aqui e outro ali, mas me dedico mais a essas duas áreas.

Entrevistadora: Nessas duas especialidades você trabalha diretamente com grupos?

Participante: Sim, vixi, é o que eu mais faço sempre, às vezes três grupos num dia.

Entrevistadora: Bem, o objetivo dessa entrevista é conhecer um pouco o seu trabalho. Saber como você maneja o grupo, quais são suas observações a respeito, o que você vem aprendendo ao longo dessa experiência com grupo. Quais as possíveis possibilidades no trabalho com grupos, quando está articulado, quando está desarticulado. Mais ou menos como você define o que é um grupo, como você se prepara para esse encontro com o grupo, quanto é primeiro encontro, como você aborda. Então, o objetivo é que você fale livremente e eu vou focando, porque na verdade são quatro perguntas mais “chave” e assim vou pontuando, pode ser?

Participante: Ok, bem, eu trabalho com três tipos de grupos. Eu dou aula não só na Fundação como trabalho em outros locais também. Na escola os alunos são diferentes, porque existe uma diferença gritante entre um grupo de teatro e uma escola.

Um grupo geralmente são pessoas que se escolhem, que tem um objetivo em comum, de formar um trabalho, que se unem e que vamos lá, pra um processo para a realização de um espetáculo.

Bem, na escola, aqui na Fundação, eles são escolhidos, então eles entram como alunos, mas forma-se um grupo de pessoas com um objetivo em comum, que é em primeiro momento fazer teatro.

Quando trabalho em empresa, quando dou oficinas numa empresa, lá é outro foco. São pessoas que não são atores, estão querendo fazer teatro, apenas para entretenimento, como uma forma de sair um pouquinho do formal, do dia-a-dia e as empresas tem esse foco quando me chamam:

- “Olha, vamos dar uma oficina, leve, descontraída para descontrair os funcionários”.

Então para cada grupo é uma dinâmica diferente.

Então partindo do primeiro grupo, o grupo de atores que escolhem o projeto e me chamam pra dirigir ou eu reúno um grupo de atores pra dirigir um projeto em comum. Na verdade, falando em todos os grupos, não existem muitas diferenças em relação ao trato. A primeira coisa é que você tem que

identificar quem é esse grupo, o que esse grupo é, o que esse grupo quer, e o que ele tem de potencial. Eu dou aula há um bom tempo e trabalho com grupos, e aprendi que eu não posso impor meu ponto de vista, diante de um grupo, porque o grupo é mais forte, pensando em teatro e não processo industrial, porque eu não sou uma empresa, né? É um processo artístico, e quando você pega esse primeiro grupo, de um processo profissional, esse povo ele quer um trabalho artístico, estético e com um objetivo de também ganhar seu pão com ele, de ganhar seu dinheiro. Então os objetivos são mais claros, mais certos:

-“Nós sabemos o que queremos, não sabemos como chegar lá, mas sabemos o que queremos!”.

Então fica mais claro esse processo, então já tem esse reconhecimento. Tendo reconhecimento, tem uma pergunta que eu faço para todos os grupos:

-“O que vocês querem falar? O que nós queremos dizer com nosso trabalho, qual vai ser a finalidade dele. É puramente, vocês estão querendo fazer um trabalho pra ganhar dinheiro? Vocês estão pensando em fazer um trabalho que é fundamental pro grupo? Pra vocês? Pra que e por quê?”

Teatro nasce nesse sentido, ai desse questionamento é levantado essas questões. E hoje eu percebo que assim, existe um esvaziamento de encontro, as pessoas não estão mais incomodadas com nada, os grupos não estão mais incomodados, com nada. Não existe mais o chamado espanto. As pessoas não se espantam com nada, então esta muito superficial, as escolhas estão superficiais. E eu não culpo as pessoas, que estão recebendo essas informações, e pronto e estão tão alicerçados no processo de massa, que não conseguem perceber que podem gritar um pouco mais, e elas não gritam. Então elas preferem ainda ficar acomodadas, algumas (ri).

Mas na maior parte eu sinto que existe uma acomodação, ai a gente tenta cutucar, para ver se onde a ferida esta clara e exposta, para que se posse ferir num bom sentido, para que isso possa alimentar a vontade deles fazerem. Ai o trabalho é:

-“Vamos começar a pensar em nosso projeto e pra que ele vai ser importante pra nós.”

E uma coisa clara em teatro é que se o objetivo é dinheiro o fracasso é certo. Então, quando um grupo me chama pra um trabalho, se ele está pensando nisso eu já falo:

-“Olha, fazer acho que faz, mas se o objetivo não é artístico, o teatro é muito cruel com quem não é fiel a ele.”

Então um grupo de teatro montado por profissionais faz um projeto e alimenta o projeto pra levar ao maior número de pessoas.

Numa escola, aqui na Fundação, por exemplo, é um grupo heterogêneo. Pessoas que nunca se viram, e que no primeiro semestre se amam, se adoram, é o grupo perfeito, é o resto da vida, aí chega no 5º período e já se odeiam (ri), porque são humanos! E humano com humano, é contraditório isso, mas chega um momento que vai pintar um atrito, e vão surgir as diferenças. E numa escola isso é mais fácil de acontecer! Isso também pode ocorrer num grupo profissional, mas numa escola é mais fácil, porque vão surgir as diferenças individuais. Eles vão aprendendo coisas que não sabiam, e vão descobrindo que algumas coisas eles gostam e outras não, pessoas que gostam das mesmas coisas, tem as mesmas idéias, e outras não. E mesmo o grupo que gosta das mesmas coisas, tem as mesmas idéias, opiniões, vão surgir as diferenças, essas diferenças que deveriam ser para alimentar o grupo, sabe aquela faísca, faísca é fogo, é bom, deveria ser bom de alguma forma, né? Não, se torna em alguns momentos alguma coisa delicada.

Neste momento eu estou dando aula pro primeiro período, e é um grupo de pessoas “muuuito” diferentes, e eles estão naquele primeiro momento de se amarem. Meu trabalho é nesse momento, eu dou extrema consciência pra eles, é dizer pra eles:

- “Olha, vocês não são um grupo de teatro, vocês são pessoas diferentes e que se amam agora e daqui a pouco você podem se odiar. Mas vocês têm que focar os objetivos de um grupo”

Então focar o objetivo de um grupo, porque o objetivo não é o do professor, não é o do aluno, é o do grupo, para que todos possam brilhar! É claro que numa escola a gente vai avaliar o individual, mas a gente sabe se esse individual vai vingar se o coletivo estiver numa boa energia e se esse

individual estiver inserido bem no coletivo, o que não é fácil. Então temos que encontrar uma harmonia nas diferenças. Tem que deixar consciente pra eles, que somos humanos, somos diferentes, vai pintar a diferença, assuma ela, vamos discutir, não guarde, porque no teatro se você guarda explode, e quando explode, explode na hora errado, aliás, não só no teatro como em qualquer local.

Numa empresa é totalmente diferente, porque eles vêm com a palavra mesmo brincar, vamos brincar de fazer teatro. É uma coisa de descontração, mas de sensibilização. Então ali as pessoas, pode existir uma pessoa aqui outra ali, mas a maior parte esta querendo se distanciar da sua realidade. E aí o meu trabalho é, fazer com que eles se sintam a vontade, juntos! A questão é o grupo, o coletivo, tem que potencializar esse coletivo, que se divirtam e ao mesmo tempo que se sensibilize para arte em algum sentido, que de alguma forma o teatro não seja só um instrumento pra que eles , um mero entretenimento que não tenha finalidade não. Tem a finalidade de lapidar um pouquinho sua sensibilidade, não sei se isso vai ajudar ou não, para cada um vai ser uma experiência diferente. Aí fazendo com que eles se percebam como indivíduos dentro do coletivo, que primeiro eles tem que se sentir um indivíduo dentro do coletivo, se não eles não existem, e aí é potencializar esse indivíduo com suas diferenças, com seus limites, com suas incapacidades, com seus medos, insegurança, e isso que tem de ruim, fazer que isso de ruim, que na verdade não é tão ruim assim, tudo isso que é de ruim é o que nos alimenta para que a gente possa crescer um pouquinho, somos humanos e brincar com essa tragédia e aí a idéia é, vamos rir de nós mesmos, e transformar o erro como uma boa experiência para que a gente não cometa de novo e que transforme ele em alguma coisa que penetre e vire algo positivo. E aí a gente pega o trabalho do coletivo, e eles vão errar e vão sentir vergonha, timidez insegurança e falar:

-“Timidez? insegurança? Qualquer pessoa passa por isso! Isso é do ser humano, não tem problema em ser inseguro, todo mundo é inseguro, eu sou inseguro.”

Quando eu vou no primeiro dia de encontro em um grupo, eu vou zerado, eu não posso ir armado, eu não posso ir com nada muito previsível. Eu

tenho um planejamento de aula que eu tenho, minha experiência permite, eu posso tá com ele pronto, mas eu tenho que estar e sentir a energia do grupo, se eu impor qualquer coisa pra esse grupo, eu sei que não vou tirar nada dele, então tenho que perceber o grupo e determinado momento, eu tenho que desviar o meu caminho daquilo que eu tinha inicialmente planejado pra poder abraçar a idéia do grupo, pra que o grupo caminhe junto comigo. O primeiro dia eu posso ir com uma idéia, mas eu também posso abandoná-la rapidamente a partir do momento que eu tenho contato com esse grupo, é que eu posso ter o diagnóstico daquilo que eu posso trabalhar. Então o primeiro encontro é: zerado. Venho simplesmente pra conhecer e pra trocar, vamos nos conhecer, e no decorrer dessa brincadeira, desse bate papo a gente vai desenvolvendo, com um jogo aqui, eu vou vendo e sentindo aquele momento e a gente vai se desenvolvendo nesse processo. Se for um processo profissional a coisa pega mais, né? Porque é a área deles, mas eu vou fazer isso, só que eu vou me impor mais nas questões estéticas, conceituais, de trabalho de ator, vou colocar eles mais exposto, por que é o objetivo deles.

Numa escola, primeiro conhecer esse grupo, porque eles estão com medo. E o medo causa a insegurança, e a insegurança causa todo tipo de situação, até timidez, arrogância, a pessoa aparece que não tá ouvindo mais ela está na verdade apavorada, ela não tá ali, ela tá apavorada, então tenho que aliviar esse peso deles pra brincar com eles. Vamos brincar, teatro é jogo! Não mais do que isso, eu jogo em cena com um parceiro para que o público assista esse jogo, compartilhe e se divirta com ele também, se emocione. Ai a gente vai com esse grupo na escola, trazer esse espírito, vamos primeiro brincar, nos conhecer e depois todo mundo ficar com o corpo mais relaxado, e agora vamos falar sério, e nesse sentido eu sou uma pessoa bem pé no chão, pelo que eu falei antes:

-“Estamos num grupo de teatro, não se iludam com os sonhos. Teatro é, ele não foi e nem será. Eles só é, e nada da vida foi e será. Por que é só isso que existe, o presente, então se ele só é pensei aqui, não pensei o que vocês vão fazer lá na frente ou no que fizeram de legal lá atrás, tem que fazer o de bom agora, e o de bom agora as vezes vai ser terrível pra vocês

Entrevistadora: Você tocou um pouco no assunto dos jogos teatrais. Sobre os jogos teatrais, como você os utiliza no grupo?

Participante: O jogo teatral parte da base do brincar, ele promove varias questões de integração, sociabilização, quebra de algumas paredes individuais, porque você jogando, no coletivo você não se percebe e fica mais a vontade pra se expor, e o jogo permite isso, porque elas não estão se mostrando, elas estão jogando e no ato do jogo e da brincadeira se elas jogam de verdade e brincam, elas se revelam. Se pinta o adulto achando que aquela brincadeira é imbecil, e podem parecer pra alguns adulto porque são jogos, mas teatro é uma arte lúdica, toda arte é lúdica, você tem sair do chão arenoso do adulto, e se soltar, e brincar e tem que rir da sua desgraça. Numa oficina que achei fantástica, numa empresa, o pai com duas filhas 16 e 18, esse pai de 45 anos brincava com as filhas de uma maneira tão legal e no final ele sentava como uma criança e não deixava de ter o papel de pai, agora se ele vem com uma parede:

-“Não, que isso, eu sou um pai, e não posso fazer determinadas coisas, na frente das minhas filhas, não vou fazer esse tipo de papel!”

Se ele coloca isso, ele não joga, ele não jogando não faz teatro. O jogo teatral serve para inserir a pessoa dentro do coletivo e pra trazer o lúdico, a brincadeira, a paz do teatro. Ele inicia mesmo, inicia mesmo!

Entrevistadora: Agora pensando numa outra coisa bem ampla, quando os jogos teatrais são usados, que tipo de mudança no ser humano você poderia pontuar, você vê?

Cada pessoa tem uma experiência diferente. Uma das coisas que a gente percebe é que quando a pessoa perde a marra e vai pro jogo brincar, você percebe que algum dia foi criança e se você foi criança, você ainda é criança, tem gostos, desejos, vontades e tem o principio básico de vida que é o prazer, a criança vive esse prazer, pra se divertir e tem um único objetivo na

vida que é ser criança, quando crescemos nos esquecemos disso. O jogo nunca parte da palavra competição e sim da palavra cooperação, eu nunca aplico um jogo competitivo, a competição existe, na nossa sociedade, e quando você não compete parece que é inferior aos outros. Mas no teatro não, é cooperativo. Eu não jogo pra ganhar eu jogo pra agregar, pra juntar, e se você entra dentro desse principio, há uma mudança fundamental que é a sensibilização em relação ao outro, eu não sou contra o outro eu sou com o outro e estar com o outro não quer dizer que você concorda com ele, e então vamos dialogar e brincar. E o adulto tira um pouco dessa marca e se revela como gente, que tem medos. Eu dou aula pra professores, e o professor tendê a ter muito medo do erro porque ele é professor, em uma sociedade um professor errar nossa, é cruel e pra um professor é mais cruel. Mas e se eu errar num jogo, é não entender, não ter coordenação, alguma coisa assim, mas não é...e quando a pessoa brinca com a própria dificuldade ela se diverte e se tiver algum imbecil que critique isso, ela não faz parte desse grupo, e eu vou chegar nessa pessoa e vou pegar, porque ela não tem direito de zombar da limitação, ai eu coloco e ela percebe a limitação dela:

-“Caramba, eu não sei fazer isso!”

Uma experiência legal é quando você coloca pessoas muito jovem com pessoas mais velhas ou pessoas muito diferentes, porque elas aprendem junto com a diferenças, as relações são bem legais, porque cada um ensina o outro, quando eles estão jogando juntos! O legal é isso, é juntos! E teatro é isso, é juntos, eu não posso fazer teatro sozinho, sozinho não é teatro.

Entrevistadora: Eu fiquei com uma dúvida um pouquinho mais atrás. Você diferenciou, de três tipos de grupos...

Participante: Que eu trabalho, especificamente...

Entrevistadora: Sim, é bem interessante essa diferenciação que você fez, se você pudesse nomea-lôs em uma frase ou uma palavra como você colocaria?

Participante: eu nunca parei pra pensar, não sei...

Entrevistadora: Bem, tem um grupo de alunos...

Participante: Bem, tem um grupo de alunos, tem um grupo de atores profissionais e um grupo de pessoas que são não atores. São escola, não atores e atores. Mas no final das contas o trato é quase igual chega uma hora é todo mundo igual, só os objetivos são diferentes. Lá na frente, né? Lá na frente você vai desenvolver alguma coisa. Se bem que eu posso fazer a mesma coisa com um grupo profissional e de não atores. Mas se fosse pensar é não atores, alunos e atores, que é pessoas que vivem disso. Ah, um detalhe, a gente fala disso como não atores, mas no fundo todo mundo é um ator, mas algumas pessoas não têm isso como profissional.

Entrevistadora: Você começou falando dos tipos de grupos e você já deu uma pontuada no que você olha pra trabalhar em cada um, falou dos jogos teatrais e como isso acontece com o ser humano. Mas você enquanto diretor e coordenador, como você se prepara, assim, no sentido mais com o grupo, uma coisa mais detalhada que você possa me trazer.

Participante: No meu processo, como disse inicialmente, é saber estar vazio, o que não quer dizer que você não saiba seus objetivos, mas estar vazio para que você esteja pronto a receber. Primeira coisa é entender o grupo, entender parte do principio de conversar com esse grupo. Depois disso, vou elencar exercícios, num trabalho prático e teórico, para potencializar o que o grupo esta precisando, num grupo profissional, vamos direto a questão

temática, texto, autor, lincar com a realidade, e com a realidade do ator, é uma questão mais técnica. Na escola é mais técnico, trarei conceitos básicos. No de não atores, são jogos, muitos jogos, sem colocar numa vertente, e às vezes se desenrola em outra coisa, para diversão, num processo mais humano, o teatro é para lapidar o humano, teatro é humano, não é máquina, não tem nenhuma esfera tecnológica que possa substituir o teatro. Teatro só precisa de uma coisa só, ator, e ator é gente, teatro é uma arte de gente, só nasce do encontro, tem as técnicas, o tornar-se sensível, para dialogar com o que quiser, pode ser com a empresa até, tornar o processo mais humano.

Entrevistadora: Você falou do teatro humano, que nasce do encontro... Pode me falar um pouquinho mais sobre isso, pensando um pouco no humano no processo do grupo

Participante: Olha, quando você vai criar uma personagem, ela só acontece quando você humaniza ela, pra humanizar, e para isso, parte do princípio de que essa personagem como você tem que ter uma história, essa personagem como você é o que é porque tem uma história. Todos têm história, todos têm belíssimas histórias. A humanização está no princípio de aceitar a sua história. Quando você pensa no personagem você pensa em criar uma história. Quando você está com o outro é aceitar a história do outro e assumir a sua história e aí, é revelar quem é, o que é e porque é. Quando você vê revela também as limitação. Teatro não adianta acreditar que, ah, vamos sorrir, vamos ser felizes. Todo mundo quando vê uma peça pronta, tem uma tendência a achar que é tudo maravilhoso. É maravilhoso, mas tem muitos problemas, porque somos humanos! Quando você está desumanizado porque está competindo, você não alcança o outro, não alcança o objetivo do teatro. Então o processo é, vamos discutir o homem, vamos discutir nós. E aí, é claro, tem momentos que não vão ser tão agradáveis, então humanizar, e até sensibilizar, você pode cair numa armadilha de que sensibilizar é melhor, eu não sei o que é melhor. O que eu quero é que ela possa olhar o mundo com mais cuidado e que ela perceba que ela não é uma máquina reprodutora, que vai simplesmente reproduzir o que a sociedade pede e que ela pode em

determinado dia da vida dela perceber que pode mudar o caminho que ela faz da casa para o trabalho. Perceber que, ah, meu objetivo é chegar no trabalho. Não, meu objetivo agora é estar dentro desse ônibus ou desse carro, pelo menos uma vez na sua vida.

Entrevistadora: O que te prende, o que te motiva, a estar trabalhando com pessoas para um caminhar delas, o que eu quando você olha, ilumina ao seu olhar?

Participantes: É uma pergunta que a cada momento é uma resposta diferente. Eu gosto! Eu gosto muito de estar junto das pessoas. Ver que de alguma maneira a gente pode descobrir coisas novas, melhorar em alguns aspectos. A palavra professor pra mim é uma palavra pesada, eu não sei se eu aprendo ou eu ensino. O que eu quero é ver essa pessoa melhorada. No início das aulas eu começo perguntando sobre como foi a semana, eu peço:

-“ Me traga alguma coisa que você fez e te surpreendeu, ou foi diferente. Faça algo que você nunca tinha feito.”

Então ontem a aluna me trouxe dois poemas, um do Drummond, “E agora José?” e um sobre corno. Eu pedi pra eles buscarem alguma coisa e ela foi lá e buscou, me disse que achou um poema que ela achou lindo e que nunca tinha ouvido, mesmo sendo um poema muito conhecido do Carlos Drummond de Andrade, mas ela foi pesquisar. Ai eu:

-“ Nossa! Que legal! Será que isso vai mudar alguma coisa na vida dela? Acho que vai!.

Eu nunca vou recriminar um adolescente pelas referencias que eles têm, porque são as referencias que ele tem! Eu sendo de outra geração estou um pouquinho na frente deles então sou eu que devo indicar os caminhos a eles, ajudá-los a ampliar isso. Se ela gosta de Michel Teló tudo bem, mas nada me impede de apresentar outras coisas a ela, se ela vai gostar ou entender... Eu posso falar:

- “Presta atenção na letra Construção de Chico Buarque.”

E aí eles começam a perceber outras coisas além. Pode ser que em algum momento da vida deles eles se tornem um maestro porque um dia eu mostrei alguma musica pra eles, porque algo pode chegar no ouvido deles e atingir eles. Uma coisa que o Plínio fala:

“-O ator tem o poder, de chegar no núcleo duro, embrutecido do homem, aquele que está carregado de coisas e sensibilizar ele, deixar ele mais leve, despertar ele. Nos jovens ele não está nem adormecido, ele nem nasceu ainda, então a gente tem que incentivar o que ele vê e apontando os caminhos que existem. Se eles acharem interessante, ótimo. Se eles não acharem é claro que eu não vou ficar criticando ninguém. Tem coisas que doem no coração, então eu indico:

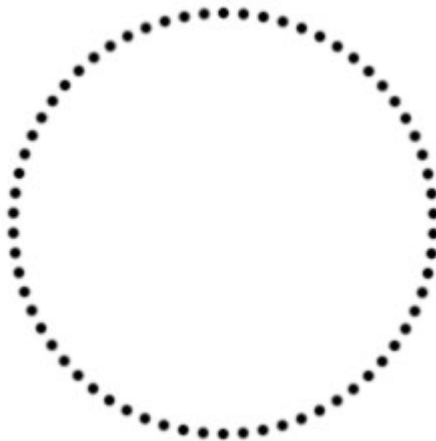
“- Você sabe da onde vem o rap, o funk , James Brown, qual a relação com os escravos negros, quer dizer, tem um pezinho la na áfrica, não nasce por acaso, tem uma origem. Olhando lá trás, você sabe melhor sobre o que está aqui na frente.

Entrevistadora: De que modo que esse contato com o grupo te amplia?

Participante: Eu aprendo, todo dia a gente se modifica um pouco. Mais do que você ensina você aprende. Eu posso errar, não sou uma pessoa que domina tudo. Então se vai ampliando em umas coisas, se diminuindo em outras.

Entrevistadora: A partir desse desenho e supondo que ele representa um grupo. Onde você se colocaria nesta imagem?

(a entrevistadora pede que ele se desenhe)



Participante: Ué, eu sou um dos pontos! No primeiro dia de aula, eu reúno todo mundo num círculo, porque somos todos iguais, não tem um processo de hierarquia, somos um grupo! Se eu tivesse no meio ou do lado de fora eu não estaria inserido no grupo e eu tenho que me inserir no grupo. Estar em grupo não vai tirar minha força, porque o que eu tenho a dizer, não está no local onde eu me coloco e sim nas minhas atitudes em relação a esse grupo, então eu to ou não to com eles, me coloco de igual. A única coisa é que eu tenho que tomar algumas decisões que não podem ser deixadas a um grupo se não vira caos. Nesse momento eu tenho que ser mais ponderado pra poder decidir. Eu deixo claro, estamos em um grupo, se alguma coisa surgir, vamos discutir, se fica muito difícil, eu decido.

Entrevistadora: Acho que por hoje nossa entrevista foi muito boa, obrigada!

ANEXO 2- TEMAS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Temas:

Definindo grupo

Abordando o grupo

Observações do grupo

Trabalhando com o grupo

ANEXO 3 – COMITÊ DE ÉTICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 436/2011

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Psicologia

Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). João Pedro Benzaquen Pessoa

Autor(a): Raissa Alonso Capasso da Silva

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado

Psicologia fenomenológica e teatro: novos olhares a partir da prática do trabalho com grupos

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e

demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os

critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa

pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado,

o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada,

permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será

possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou

dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em

Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre,

em Reunião Ordinária de **20/12/2011**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **436/2011**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus

Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).
São Paulo, 20 de dezembro de 2011.

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

ANEXO 4- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Declaro, por meio do presente termo, que consinto livremente em participar da pesquisa intitulada: “Psicologia Fenomenológica e Teatro: um novo olhar a partir da prática do trabalho com grupos”, desenvolvida por Raissa Alonso Capasso da Silva, sob orientação do Prof. Mestre João Pedro Benzaquen Perosa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, curso de Psicologia.

Fui informado que esta pesquisa tem como objetivo desvelar as percepções de profissionais da psicologia fenomenológica e do teatro acerca do trabalho com grupo e a partir da experiência prática desses profissionais contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse trabalho.

Minha participação se dará por meio de três encontros sendo respectivamente: Entrevista inicial para confirmar critérios de inclusão e introduzir uma primeira aproximação com o tema; Entrevista para colher dados sobre a experiência prática com grupos; Processo de devolução dos Dados.

Serão utilizados para análise as associações e contribuições retiradas da entrevista, que será gravada e depois transcrita. Como resultado,

poderemos desvelar contribuições sobre a prática do trabalho com grupos, para a ampliação do conhecimento.

Meus dados serão mantidos sob a guarda e responsabilidade de Raissa Alonso Capasso da Silva. Na publicação e divulgação dos resultados, serão garantidos meu sigilo e anonimato, não sendo divulgados dados que possam levar à minha efetiva identificação pelos que vierem a ter conhecimento deste estudo.

Fui informado de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificá-lo, e de que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

É assegurada toda a assistência referente à pesquisa, bem como o livre acesso a informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Poderei obter estes esclarecimentos antes, durante e após a conclusão da pesquisa, por meio dos contatos que se seguem:

Pesquisador(a) orientando(a)	Pesquisador Orientador	Comitê de Ética em Pesquisa
<p>Raissa A C Silva Tel. (11) 3938 9501 Cel. (11) 7667 3938 e-mail: <u>issartes@hotmail.com</u></p>	<p>João Pedro Benzaquen Perosa Tel. (11) 7620 3345 e-mail: <u>jperosa@gmail.com</u></p>	<p>Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP R. Ministro Godói, 969 – sala 63C 05015-001 Perdizes – São Paulo SP Tel. (11) 3670-8466 e-mail: <u>cometica@pucsp.br</u></p>

Fui orientado quanto ao teor de tudo o que aqui é mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo e, assim, manifesto meu livre consentimento em participar e estou totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por isso.

Por estar assim ciente

<p>Raissa A C Silva Autora da pesquisa CPF 368 853 018-76 RG 26 636 409- 5</p>	<p>João Pedro Benzaquen Perosa Docente orientador CPF 266 776 418-80 RG 27 764 349-1</p>	<p>Sujeito participante da pesquisa CPF: RG:</p>
<p>Testemunha 1: CPF: RG:</p>		<p>Testemunha 2: CPF: RG:</p>

(Este documento deverá ser assinado em 02 (duas) vias de igual teor, na presença de duas testemunhas, sendo que uma via deverá ser entregue ao participante da pesquisa e a outra guardada pelo pesquisador responsável).

ANEXO 5- Termo de Autorização para Publicação Eletrônica de Trabalho de Conclusão de Curso

na Biblioteca Digital da PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Biblioteca Digital Sapientia

1) Tipo do documento: TCC Será publicado integralmente na Biblioteca Digital o TCC que obtiver nota entre 9 e 10.

Nota inferior será publicado apenas com os dados referenciais e resumo

2) Identificação do documento/autor

Curso: Psicologia

Autor: Raissa Alonso Capasso da Silva

Título: PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E TEATRO: novos olhares a partir da prática do trabalho com grupos

Número de páginas: 68

E-mail: issartes@hotmail.com Disponibilizar: () Sim () Não

RG: 29636409-5 CPF: 368853018-76

Orientador: João Pedro Benzaquen Perosa

Data de entrega ao Expediente da Faculdade do curso : 31 de agosto de 2012.

3) Autorização de divulgação do trabalho completo na Biblioteca Digital (preenchimento obrigatório):

Sim () Não

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a lei nº 9610/98, autorizo, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissão assinalada acima, do documento, em meio eletrônico, no formato PDF, para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação científica gerada pela Universidade.

Declaro que o conteúdo deste trabalho é correspondente ao original entregue para a homologação.

Assinatura do autor Raissa Alonso Capasso da Silva

Local e data: PUC Monte Alegre

Informe do Expediente da Faculdade

Nota obtida: 9,5 Data de conclusão: junho de 2012